

POESIA POPULAR



(Cangaceiro Dormindo no Ponto com um Olho Aberto). Esta matriz de xilogravura pertence a Fundação Casa de Ruy Barbosa, no Rio de Janeiro, e já foi por ela publicada em 1977 no álbum “Xilógrafos Nordestinos” e republicada pela Embaixada do Brasil no Peru.

Doca Lajedo, Um Tal Jagunço Façanhudo

Franklin Maxado¹

Dedico este folheto aos escritores Ronaldo Senna, Carlos Tadeu, Itamar Aguiar e Antônio Amaury Correa de Araújo que me contaram o que contei romanceando desta estória.

Nem todo mundo morreu
Quando acabaram Canudos.
Uns foram entregues vivos
Mas sumiram como mudos.
Cortaram suas cabeças
Por trás com ferros agudos.

Outros caíram lutando
Tal mocós contra jaguares.
Houve quem saiu fugido
Pra não enfrentar azares
E destes que escaparam
É alvo desses cantares.

Ele era o bandeirante,
O paulista Joãozinho
Que escapuliu desde lá
Quando mataram Dioguinho,
O cangaceiro caipira,
Do quem era seu maninho.

¹ Advogado, escritor, cordelista, poeta.

Joãozinho se atirou na água
Quando viu o tiroteio.
Mergulhou e caiu fora
Pela corrente do meio
Daquele rio em São Paulo
Boiando ferido feio.

Por sorte, encontrou coito
E até pôde se curar
Mas ficou cego de um olho
E resolveu se andar.
Foi para Minas Gerais
Sempre a se disfarçar

Andava mais pela noite
Evitando ver pessoa
Até ir ao São Francisco
E roubar uma canoa
Descendo aquele rio
Parando só em camboa.

Passou muita fome e sede
Mas quem de uma escapa
Cem anos pode viver
E ele só na socapa.
Chegou então na Bahia
Onde viu festa na Lapa.

Lá soube da pregação
Do Bom Jesus Conselheiro
Que reunia beatos
Mas também muitos guerreiros
E resolveu ir em frente.
Largar de ser cangaceiro.

No Império Belos Montes,
Juntou-se a João Abade
Virou então seu jagunço
Tomando benção ao frade,
O Antônio Conselheiro,
Na fila do fim da tarde.

Lutou sempre como bravo,
Contra as forças legais.
Matou rumas de soldados
E também oficiais
Mas, vendo perder a guerra,
Ganhou os campos gerais.

De novo, escapou da morte
E foi ser um faisqueiro
Na Chapada Diamantina.
Para arranjar dinheiro,
Largava a sua bateia
Virando um pistoleiro.

O garimpo era disfarce
E também esconderijo.
Mal sabia garimpar
E seu serviço era rijo.
Virou matador de gente
Portando um crucifixo.

Dizem que teve padrinho
E que foi Doca Medrado,
Coronel de Mucugê,
Lá no centro do Estado.
Até conheceu Horácio,
Outro chefe destacado.

Foi chamado pra brigar
Contra aqueles Revoltosos”
Mas não quis se envolver.
Ficou fora dos fogosos
Jagunços do coronel
E quedar nos chãos rochosos.

Por isso, já tinha nome:
Era o Doca Lajedo,
Jagunço bom de gatilho
Que lutava sem ter medo.
Não perdia a pontaria
E tinha o mole dedo.

Falam até que ele dormia
No ponto fazendo mira
Pois tinha um olho cego
E o outro na catira.
Rezava antes pela alma
Encomendando a gira.

Suas façanhas correram
O mundo da fantasia.
Diziam ter tiro certo
Que entrava e não doía.
Visava o olho ou a boca
Pois nem o couro perdia.

Virou lenda no sertão,
Aquele alto brancão,
Magro que só uma estaca,
Vestido com um capão
Daqueles coloniais
Preto, lanzudo e grossão.

Era acostumado ao frio
Pois veio do clima paulista.
E o tempo era garoa
Que embaçava a vista.
Morava em gruta tal onça
Sem deixar alguma pista.

Comia raiz, casca, flores,
Frutos e o que achava.
Quase não ia a comércio.
Fazer feira, não gostava.
Carne era a que caçava.
E peixe sempre pescava.

Mesmo sendo apadrinhado,
Era um pouco independente.
Quando não achava motivo
Para matar uma gente,
Recusava o serviço
Mostrando assim ser valente.

Cabra ladrão descarado
Não enganasse o coronel.
Pois se escondesse o ouro
Ou diamante no chapéu,
Começasse a orar,
Se quisesse ir pro céu.

Pois, na sua ignorância
E revolta do destino,
Doca Lajedo vingava
O que achava desatino.
Cabra safado com ele
Topava seu ponto fino.

Era calmo e tranquilo
Sem ter dor de consciência.
Ficava horas em tocaia,
Praticando a paciência.
Dia e noite na espera.
Cochilando com vidência.

Falavam até que dormia
No ponto para atirar
Somente com uma vista.
E não tinha como errar!
Não desperdiçava bala.
Bastava uma para matar.

Qualquer um ruído surdo
Despertava para a vida
Como que se lhe acendesse
Um aviso na guarida.
Aí, então aquela alma
Podia se achar perdida.

Quando queria cercar,
Pisava muito mansinho,
Despistando quem lá fosse
Procurando o seu caminho.
Era como um encantado
No seu mato escondidinho.

O povo fala que tinha
O corpo todo fechado
Porque arranjou cabocla
De sangue índio mesclado
Que ali sabia tudo,
Vivendo no retirado.

Era filha do Jarê,
Feita com um santo forte.
Dava as obrigações
E não brincava com sorte.
Seguia todos preceitos
Para não achar a morte.

Porém, Doca descuidou-se
E não tomou banho certo.
Se atrapalhou com a folha,
Deixando seu corpo aberto
E saiu para viagem,
Enfrentando o deserto.

Como já tinha um tira
Que há tempos perseguia
Passando por traficante,
Vendendo mercadoria
Naquelas grotas e brenhas,
Boqueirões e mataria.

Viu Doca fora da gruna.
Chamou o destacamento.
Ele ainda derrubou
Uns dez só de um momento
Mas as balas lhe feriram
E causaram sangramento.

Não resistiu à metralha
Dum tenente ambicioso
Querendo por que queria
Pegar o facinoroso
Pra ter sua promoção
E também ficar famoso.

E Doca, que tinha raiva
De soldado e autoridade
Arbitrária e tirana,
Caiu na adversidade,
Topando com o seu dia
De tal infelicidade.

Também, já estava velho
E não pôde mais correr.
Cortaram o seu pescoço
Dando gritos de prazer
Para mostrar nas cidades
A fim de todos saber.

Sua mulher sertaneja,
Quando soube do ocorrido,
Atirou-se dum abismo
Pra não ter o corpo lindo
Preso por oficial
Que se passou por bandido.

Aquele era o tal código
Que regia o sertão.
Cada um que garantisse
Com a sua prontidão.
Quem matasse, ia morrer.
Era a lei do talião.

Assim, mataram o Doca
Lajedo de Mucugê.
Dizem que está encantado
Assombrando qualquer ser
Que for bulir com o mato
Nada tendo o que fazer

Após morrer, outro doca
Apareceu no sertão
Mas não foi praqueles lados.
Andou por outra região.
Foi Virgulino Ferreira,
O cangaceiro Lampião.

Doca Lajedo, um Tal Jagunço Façanhudo

M – andado ou não, o Doca

A – certava o seu tiro

X – uxando carnes daquele

A – quem ele no seu giro

D – ava como desordeiro.

O – caso então eu refiro.

MOVIMENTO POETAS NA PRAÇA

ECO DA POESIA NA PRAÇA

**ZÉ LIMEIRA,
Poeta
do Absurdo**

DEMOCRATIZAÇÃO DA ARTE POETICA
TRABALHADORES DA PALAVRA ORAL E ESCRITA POETAS DA PRAÇA



"O véio Thomé de Souza,
Governador da Bahia,
Casou-se e no mesmo dia
Passou a pica na esposa...
Ele fez que nem raposa:
Cumeu na frente e atrás,
Chegou na beira do cais,
Onde o navio trefega,
Cumeu o Padre Nobrega,
Os tempos não voltam mais"

"Frei Henrique de Coimbra,
Sacerdote sem preguiça,
Rezou a Primeira Missa
Na beira duma cacimba.
Um índio passou-lhe a pimba,
Ele não quis aceita
E agora veve a berra
Detrás dum pau de jureme...
O bom pescador não teme
As profundezas do mar"

"Frei Henrique descansou
Nas encosta da Bahia,
Depois fez a travessia
Pra chegá onde chegou,
Pegou a índia, champrou,
Ela não pôde fala,
Assou carne de jaba.

CONTRIBUAM ESPONTANEAMENTE
AO RECEBER MOSSAS "FOLHAS SOLTAS"

COMPANHEIROS
MOVIMENTO POETAS NA PRAÇA

Collega, a Geografia